

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Economia, Administração, Contábeis e Atuarias

RAFAELA JOVANA TOMASELLI ORTOLANI

GLOBALIZAÇÃO E ARQUITETURA:
IMPACTOS NO URBANISMO DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Monografia de Bacharelado em Ciências Econômicas

São Paulo – SP

OUTUBRO/2022

RAFAELA JOVANA TOMASELLI ORTOLANI

GLOBALIZAÇÃO E ARQUITETURA:
IMPACTOS NO URBANISMO DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Monografia submetida à apreciação de Banca Examinadora do Departamento de Economia, como exigência parcial para a obtenção do grau de bacharel em Ciências Econômicas, elaborada sob a orientação do Professor Antônio Carlos Alves dos Santos

Faculdade de Economia, Administração, Contábeis e Atuariais
PUC - São Paulo

OUTUBRO/2022

O autor desta obra autoriza sua publicação eletrônica na Biblioteca Digital da PUC-SP.

Este trabalho é somente para uso privado de atividades de pesquisa e ensino. Não é autorizada sua reprodução para quaisquer fins lucrativos. Esta reserva de direitos abrange a todos os dados do documento bem como seu conteúdo. Na utilização ou citação de partes do documento é obrigatório mencionar nome da pessoa autora do trabalho e demais itens da referência bibliográfica.

Ficha Catalográfica

Ortolani, Rafaela Jovana Tomaselli.

Globalização E Arquitetura: Impactos no Urbanismo da Pandemia do Coronavírus. / Rafaela Jovana Tomaselli Ortolani - São Paulo, 2022, 55 p.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Econômicas

Orientador: Antônio Carlos Alves dos Santos.

1. Arquitetura e Urbanismo 2. Globalização 3. Economia mundial.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu pai, Wagner, por ser muito além do que apenas um bom pai. Agradeço por ser tão parceiro e amigo. Sempre presente e trabalhando para me dar uma vida excelente. Sou grata por ter sido aquela pessoa que quando fui fazer a matrícula na PUC, sentou comigo no banco e mesmo com todas as minhas dúvidas, sempre me fez entender que tudo pode acontecer, que meus sonhos podem se realizar, que só depende de mim e do trabalho duro.

Em segundo lugar, agradeço minha avó Otília, por ter sido o grande amor da minha vida. Mesmo não estado mais presente fisicamente, seus ensinamentos, suas paixões jamais serão esquecidos. Que todo o amor que carregava, um dia eu possa ser digna de uma fação de sua bondade.

Agradeço minha mãe, Regina, por ser meu alicerce, por estar sempre ao meu lado, ouvindo sobre meus planos sobre o futuro, me apoiando e mostrando que não há nada que eu não possa aprender.

Por último, agradeço a PUC-SP pela oportunidade de estudar com professores espetaculares. Agradeço por todos os funcionários que representam a sociedade da melhor forma possível.

Ortolani, Rafaela Jovana Tomaselli. **Globalização e arquitetura: Impactos no urbanismo da pandemia do coronavírus.** São Paulo, 2022. Monografia de Bacharelado (Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuaria) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Resumo: A presente monografia transcreve os impactos causados pela pandemia da COVID-19. Assim como todos nós estamos sentindo as calamidades da pandemia do coronavírus que atingiu o mundo, podemos perceber o processo de expansão das tecnologias de transporte, comunicação e arquitetônico. Sendo assim, o meio urbano é uma das diretrizes mais afetadas no cenário atual. Com o advento do sistema capitalista e, mais tarde, dos sucessivos processos de industrialização, as grandes cidades do mundo estavam atreladas ao desenvolvimento de suas indústrias, com seus respectivos prédios e centros de trabalho. Em nossas cidades globais, que são caracterizadas como “nós” ou “pontos” da rede econômica e política global. Com a pandemia, sentimos o deslocamento pelas cidades, sendo, as indústrias que por tanto tempo se construíram, vivemos em um mundo onde evitamos o transporte coletivo e o contato entre as pessoas têm sido ressignificado pelas novas tecnologias de informação e comunicação, o que interfere diretamente na economia imobiliária. Isso nos faz pensar nas áreas interessadas em Arquitetura, Urbanismo e Economia a buscar novos caminhos, novas paragens, novas referências e novas formas de atualizar o caminho para cidades capazes de maximizar os benefícios da urbanização. O viver junto, o cooperar, o evoluir coletivamente.

Palavras-chave:

Urbanização / Globalização / Arquitetura Global / Cenário pós pandemia / Desenvolvimento econômico / Cidades Globais / Estratégias tecnológicas / Economia imobiliária / Tecnologias na urbanização

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Os 10 maiores e-commerce do Brasil	29
Gráfico 2 – Distribuição percentual de recursos previsto pela Lei AldirBlanc ...	30

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Orçamento federal da cultura	24
Figura 2 – O crescimento anual do PIB e do Saldo da Conta Corrente em relação ao PIB (%) diante de crises econômicas e do surto do Coronavírus	38
Figura 3 – Diagrama resumindo os principais elementos que associam os aspectos urbanos multiescala e a disseminação da COVID-19	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES GLOBAIS	13
2 OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NA NOVA ERA TECNOLÓGICA	19
3 OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NA CULTURA E NO E- COMMERCE	22
4 OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NA ECONOMIA E GLOBALIZAÇÃO.....	33
5 OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NA ARQUITETURA E URBANISMO.....	40
6 OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NA DESIGUALDADE E NO GOVERNO.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo estudar como a pandemia do coronavírus afetou a arquitetura, urbanismo e a globalização mundial através dos anos de desenvolvimento e industrialização.

As cidades se reinventaram após a Revolução Industrial, onde houve mudanças socioeconômicas no mundo inteiro. Isso inclui em termos urbanísticos com a evolução das cidades. As razões que antes eram apenas para cumprir funções militares, políticas ou comerciais, ganham força que levaram além do que imaginavam e como as construções nos atingem hoje.

As mudanças que ocorreram entre o século XX e início do XXI, mostram a expansão das novas escalas no papel das cidades, no papel dos espaços metropolitanos. E os impactos causados pela globalização se deu pela evolução do capitalismo, que além da alteração da natureza realizada pelo homem, sentimos a alteração no padrão econômico no planeta.

A geração de valor, na moderna economia globalizada, não se limita apenas às fábricas ou às unidades produtoras de serviços diversos. Com a terceirização crescente dos serviços, tanto no circuito superior da economia quanto no inferior, a cidade se transforma cada vez mais em espaço produtivo. E não somente no aspecto econômico, como também no cultural, estético e simbólico, dimensões às quais o atual modelo de acumulação de capital está profundamente imbricado (GASPAR, 2009, p. 242).

Em um cenário atual global vivido intensamente produzido pelo coronavírus, sentimos a mudança nas referências arquitetônicas, urbanísticas e econômicas que nos indicam que nós procuramos em anos, foi alterado drasticamente.

As cidades por si, já são lugares de aglomeração, por suas condições físicas e sanitárias, alta densidade populacional, moradias superlotadas e intensos contatos entre as pessoas. A longa duração da pandemia começa a consolidar as mudanças de comportamento urbano, sendo positivas ou negativas, o que

afeta diretamente a vida das cidades, sendo na habitação, trabalho, educação, espaço público, mobilidade, entre outras.

É importante ressaltar os diferentes olhares analíticos de profissionais como arquitetos, engenheiros, dos geógrafos aos economistas, observando em diferentes ângulos as cidades globais.

Portanto, nesta monografia será apresentado uma análise sobre as modificações na arquitetura alterada pelas indústrias, alterações nas cidades globais pelo mundo e especificando no Brasil, a realidade atual da população em relação ao isolamento social e as complicações que o governo possui para dar moradias seguras e o distanciamento necessário.

Qual a relevância das alterações nas cidades globais e na vida da população antes e após a pandemia da COVID-19, impactando todos os setores da economia, mas relevantemente nos setores arquitetônicos, transportes, urbanísticos e governamentais?

Com a pandemia de COVID-19, o cenário de incertezas e as restrições ao comércio fizeram com que a demanda por projetos e obras diminuisse de forma drástica nos primeiros meses do ano de 2020. Porém, o mercado de Arquitetura e Urbanismo mostrou um grande poder de reação. Entre setembro e dezembro de 2020, o número de atividades registradas pelos arquitetos e urbanistas cresceu 12% em relação ao mesmo período de 2019, segundo SICCAU (Serviço de Informação e Comunicação do Conselho de Arquitetura e Urbanismo).

Em 2019, os arquitetos e urbanistas bateram recordes ao realizar mais de 1,6 milhão de atividades, o maior número da série histórica, medida desde que o Conselho de Arquitetura e Urbanismo foi criado, em 2011. Em 2020, as atividades de projeto arquitetônico se mostraram as mais resilientes. Foi um dos serviços que menos sofreu impactos com a pandemia da COVID-19: 3,7% de queda, contra uma queda de 11% nas atividades de gestão e 10% nas de execução e obras. Projetos arquitetônicos representam mais da metade (53%) do total de serviços realizados no ano passado. Execuções de obras correspondem a quase um terço (32%) do total, segundo SICCAU (Serviço de Informação e Comunicação do Conselho de Arquitetura e Urbanismo).

O transporte por ônibus urbano teve uma redução diária em torno de 30 milhões de passageiros e prejuízo de R\$ 3,72 bilhões, de março a junho de 2020, de acordo com projeções da Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos (NTU). Os dados abrangem 26 capitais, o Distrito Federal, 14 regiões metropolitanas e 295 municípios. Os sistemas de transporte de passageiros sobre trilhos do Brasil (metrô, trem urbano e VLT) tiveram queda no movimento no primeiro semestre do ano de 2020, ficando em torno de 880 milhões de pessoas, apenas 57% do esperado para o período, se comparado aos primeiros seis meses de 2019, quando foram transportados 1,550 bilhão de passageiros, de acordo com a Associação Nacional dos Transportadores de Passageiros sobre Trilhos (ANPTrilhos).

A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) aponta que 75 mil estabelecimentos comerciais com vínculos empregatícios fecharam as portas no Brasil em 2020. As micro e pequenas empresas responderam por 98,8% dos pontos comerciais fechados. Todas as unidades da federação registraram saldos negativos. Os estados mais impactados foram São Paulo (20,30 mil lojas), Minas Gerais (9,55 mil) e Rio de Janeiro (6,04 mil).

Neste trabalho será dividido em 6 capítulos. O primeiro capítulo abordará o desenvolvimento das cidades globais, explicando como os grandes polos se desenvolveram e como a arquitetura e o urbanismo influencia a economia, as atividades e a vivência dos seres humanos. De inicio precisamos entender a globalização, um fenômeno que abrange as transformações da natureza. Também irá abordar brevemente a economia do século XX, tecnologia e os acontecimentos que levaram a atual situação com a pandemia do coronavírus.

No capítulo 2 estudaremos sobre a tecnologia e como ele nos afeta nos núcleos globais urbanos. Abordamos como após a catástrofe causada pelo vírus mudou completamente o cotidiano das populações, seja o início de uma era de home-office.

No capítulo 3 vamos observar como durante a pandemia o setor da cultura teve suas alterações e como o novo conceito de compras, o e-commerce, ganhou espaço entre as novas tendências de mercado. Trazemos um estudo de caso da loja Amaro, uma guide shop que tomou conta do comércio.

O capítulo 4 abordará como as mega-cidades cresceram de forma rápida através da economia e globalização. Definiremos de forma breve como a globalização estabelece integração entre os países e como a globalização financeira simplifica as transações financeiras ou de comércio. Trazemos também como a pandemia da COVID-19 mudou as necessidades de cada nação.

No capítulo 5 mostramos os impactos da pandemia na arquitetura e urbanismo. Desde novos recursos industrializados ao processo projetual até o final das construções. Onde os espaços sofreram uma ressignificação com a frase “fique em casa” muito utilizada em 2020 e 2021. Estudamos brevemente como a arquitetura afeta o transporte, suas empresas e como as cidades de periferias pobres são mais vulneráveis a políticas de distanciamento social.

Já no capítulo 6 veremos como o governo lidou com a situação econômica dos setores mais afetados durante a pandemia da COVID-19. Abordaremos como a desigualdade atrapalha no desenvolvimento de um plano de saúde básico em um momento tão difícil para a população e suas propostas para alcançar uma diminuição nos impactos.

Por fim, na conclusão veremos com as decisões anteriores à pandemia do coronavírus influenciaram nas consequências dessa catástrofe abalou o mundo e sugestões de como devemos seguir no momento presente.

1 O DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES GLOBAIS

A abordagem desse capítulo se refere substancialmente ao livro de A Cidade na Geografia Econômica Global (GASPAR, 2009), onde traz a globalização que deve ser vista como um fenômeno que acontece de dentro para fora, são transformações na natureza dos mercados e do capital em dimensão mundial. As inovações da tecnologia, financeira, desde a abertura comercial dos países e o avanço dos mecanismos de formas de conexão global fez a geopolítica assumir, o que é hoje, uma feição heterogênea, mas que são integradas por lugares estratégicos, tornando-se uma nova geografia de centralidade.

As alterações na economia contemporânea são apresentadas ao longo do século XX. Enxergamos as mudanças em vários aspectos, tanto na organização do trabalho, na tecnologia, na atuação do estado, finanças, cultura e estrutura social. O papel das cidades se altera nos espaços metropolitanos. Após os acontecimentos do século, como a Primeira (1914 até 1918) e a Segunda (1937 até 1945) Guerra Mundial, entre a Grande Depressão (1930), houve um esgotamento de fórmulas liberais que marcaram a conduta econômica.

Em um exemplo utilizado pelo Gaspar (2009), a recente mudança social no espaço urbano é dada pelo movimento da contracultura nos anos 1960, as cidades não foram apenas cenário passivo, mas seu ambiente construído pelas distintas apropriações pela coletividade. Colocando o impacto político em movimento.

Seguidas de décadas de crise, as reformas do sistema econômico, sendo, investimentos públicos, o controle do sistema financeiro, as metas de estabilidade da moeda, a ênfase no pleno emprego, as políticas desenvolvimentistas ditaram a nova forma nos quadrantes do planeta.

Em meio de tantas mudanças, que atingiu o mundo inteiro, abre-se uma reconfiguração da geopolítica e a geoconomia global. No final de 1980, segundo Pimenta (2013), houve uma renovação econômica neoliberal que

somando o declínio do poder soviético, aparecia uma nova oportunidade de ordenamento político e da economia global.

O termo “globalização” começou a ser recorrente em debates das Relações Internacionais nesse primeiro momento e com o tempo, o termo se tornou popular, como uma chave interpretativa de vários fenômenos observados na esfera e internacional (PIMENTA, 2013).

Portanto, conforme um conjunto de alterações no mundo vivenciado a partir do último quarto de século passado, a globalização trouxe consigo uma alteração profunda também nas escalas geográficas (GASPAR, 2009).

A cidade se torna o principal agente da transformação do homem, órgão que mais expressa a personalidade.

Segundo Gaspar (2009) as cidades representam a maior obra de arte do homem, em suas confluências, os contatos, os intercâmbios, a criatividade, a busca, os questionamentos e o progresso. A globalização com a arquitetura expressa a excelência do habitar humano.

Além dessa importância, Luke Martell (2010) identifica três fases onde o termo “globalização” ganha significado histórico. A primeira fase seria a compreensão da criação de um pensamento globalista, que seria uma geração de uma identidade global, em uma perspectiva econômica do mundo que era liderado pelos Estados Unidos da América (EUA) e pelo Reino Unido. Onde uma reformulação neoliberal geraria uma globalização que reduziria a participação dos Estados na economia, onde os países em desenvolvimento teriam o Estado com papel reduzido, em favor de um crescimento econômico atrelado ao desenvolvimento social e à redistribuição da riqueza. A segunda fase de significado seria o movimento intelectual, que contra-arresta o primeiro, o fenômeno da globalização sob um viés crítico. A globalização não seria um fenômeno propriamente global e sim, se concentrando nos países capitalistas centrais. Que por fim, seria um fenômeno econômico de caráter que aprofunda as desigualdades socioeconômicas e gerando risco para a manutenção do sistema econômico internacional vigente. Já a terceira fase mostra que existem diferentes reações locais ao fenômeno da globalização, isto é, homogeneizar

costumes e instituições locais. E igual a segunda fase, a terceira mostra a preocupação da deterioração de determinadas condições sociais.

Existe uma identificação na globalização na construção da perspectiva do poder das Relações Internacionais, com conceitos de desterritorialização relativa ao Estado-nação (ALBROW, 1997), de criação de novas geografias do poder desagregadas do Estado-nação (SASSEN, 2008) e de supra territorialidade concernente a novos fluxos de relações que independem da geografia territorial (SCHOLTE, 2005) que são apontados por Milton Santos (2003) que identifica as formas que a globalização age em mudanças no exercício de poder.

No mundo da globalização, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições. (...) A globalização, com a proeminência dos sistemas técnicos e da informação, subverte o antigo jogo da evolução territorial e impõe novas lógicas (SANTOS, 2003, p.79).

A colocação das cidades no novo âmbito de poder na esfera internacional, consequência da realocação do poder em escala geográfica, que é causado pela globalização e pode ser utilizado como referência para compreender determinados fenômenos contemporâneos. E o principal seria o que estamos chamando de “cidades globais” (PIMENTA, 2013).

O sentido de “cidade global” é um espaço que se concentra um setor de serviços altamente especializado que interage com setores produtivos de outros locais, mas ainda concentra as atividades do mercado financeiro regional e realiza integrações entre a economia global e nacional (SASSEN, 2005). São cidades com enormes populações e também responsáveis por uma boa parte do PIB de seus países, por exemplo: São Paulo produz cerca de 12% do produto interno bruto nacional, enquanto Mumbai contribui com cerca de 5% do PIB indiano (MMRDA, 2008; IBGE, 2007). São cidades centralizando uma quantidade grande de movimentações de pessoas, são centros financeiros de seus países, o que indica centralidade e relevância em seu papel eminente de seus respectivos países de escala regional (SASSEN, 2005).

A cidade é um espaço complexo, encontramos o poder em cidades grandes. As cidades são espaços seriamente problemáticas que com a

pandemia da COVID-19, estamos imersos em algo que pode gerar renovação ou não, novos modos para se olhar as coisas, tornar consciente a existência das multidões de trabalhadores, que em vista é diferente do estilo de vida das camadas médias e dos ricos (SASSEN, 2019).

A chegada da globalização modificou os espaços urbanos contemporâneos, houve uma nova hierarquia dos espaços e uma nova reorganização física, econômica e social nas cidades. Um dos elementos que determina a configuração de um território, são as empresas transnacionais, os Estados, lares (famílias) e comunidades. Os fluxos globais e nacionais de capital também são importantes (LEVY, 1997).

As grandes cidades conquistaram uma visão mundial, reestruturando as metrópoles, que nos cabe citar:

as principais regiões urbanas nessa rede na qual a maior parte dos ativos mundiais estão concentrados, regiões que desempenham um papel crucial na grande estratégia capitalista de organizar o mundo para extração eficiente do excedente... a economia mundial é definida por um conjunto de mercados e unidades de produção, organizado e controlado pelo capital transnacional; cidades mundiais constituem a manifestação material desse controle, ocorrendo somente em regiões centrais ou semiperiféricos onde elas servem como centros financeiros e de bancos, sedes administrativas, centros de controle ideológico. (FRIEDMAN e WOLFF, 1982, citado por KING, 1990, apud LEVY, 1997, p.37).

As mudanças nas cidades globais que são ligadas à globalização, são mais concretas e presentes na fase técnico-científica da expansão do capitalismo. Sendo, as mudanças constantes na natureza realizadas pelas mãos dos seres humanos. Quando olhamos para trás, vemos que até o século XVII a grande maioria da população morava e trabalhava no campo, só após a urbanização em massa, seguindo os passos da industrialização e do capitalismo, temos grandes passos para as profundas consequências para a humanidade (GASPAR, 2009).

Na perspectiva econômica, as cidades possuem uma lógica quantitativa, pela visão econômica baseada no retorno de investimentos. Apesar disso, o

empreendedor e o consumidor se baseiam em elementos intangíveis para escolher o lugar ideal para se viver, um lugar que atenda suas necessidades pessoais. Para isso é necessário pensar nas cidades a partir dela mesma, além da dimensão econômica (SCHONARDIE *et al.*, 2021).

A valorização do espaço urbano se considera fatores sociais, culturais, ambientais e econômicos, dando relevância ao crescimento populacional sem prejudicar a mobilidade e a integridade urbana (SCHONARDIE *et al.*, 2021).

Mas as cidades globais para que haja mudanças, são consideradas as atividades econômicas, economias globais, sendo um centro de poder tecnológico em que as decisões refletem no mundo todo.

Para a base tecnológica da transformação se consolidar precisamos pensar que a globalização se assenta através da capacidade das distintas cidades e países afirmarem sua condição econômica planetária. A indústria, sendo reestruturada, permanece como eixo de articulação e sustentabilidade do aparato produtivo. Existindo competitividade das regiões onde é visto a capacidade de agregar valor na cadeia produtiva, onde a indústria desempenha uma função estratégica, segundo Gaspar (2009).

Sassen (2010) coloca questionamentos na importância de recuperar o lugar e a produção da economia global nas grandes cidades:

É porque ambos nos permitem enxergar a multiplicidade de economias e culturas de trabalho em que está enraizada economia global da informação. Além disso, também nos permitem recuperar os processos concretos e localizados pelos quais a globalização toma forma e argumentar que grande parte do multiculturalismo das grandes cidades é tanto parte da globalização quanto são as finanças internacionais (SASSEN, 2010, p. 86).

As cidades globais foram reestruturadas com uma nova centralidade, além da economia e finanças internacionais, há ligação “[...] à globalização tecnológica, em razão das muitas formas de informatização observamos o surgimento e acesso de escalas subnacionais, como no caso das cidades globais e supranacionais, como no caso dos mercados globais, [...]” (PIAIA; SCHONARDIE, 2020, p. 112).

Para Gaspar (2009), para estudar o que está destacado nas cidades globais, chamadas de ‘nós’, que se caracterizam pela concentração dos setores da economia mundial contemporânea, os serviços produtivos e financeiros. Que por sua vez, demanda uma infraestrutura básica e compulsória como o transporte, saúde, educação, apoio governamental, centros de consumo, mão de obra, cultura entre outros. E, simultaneamente, as necessidades fazem surgir mão de obra de baixa qualificação para suprir os postos de trabalho precários.

Já segundo Sassen (2010), estudar as cidades é compreender os aspectos da vida e da formação urbana, de uma forma dos espaços que têm grandes tendências macrossociais e envolvendo a história, como um processo social vivido ao longo do tempo.

Para finalizar esse capítulo, podemos então concluir que as cidades globais são produtos da globalização econômica, tecnológica e social. O capital transnacional é, portanto, algo de interesse econômico, político e das finanças sobre a população local (SCHONARDIE, 2021).

E a grande excessiva centralização metropolitana se coloca em dois caminhos, um crescimento econômico com grandes tecnologias e informações que move o motor econômico e se reforça a desigualdade entre as regiões, onde há desequilíbrios populacional, contaminação ambiental, dependência dos automóveis e inchaço periférico (GASPAR, 2009).

2 OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NA NOVA ERA TECNOLÓGICA

Os núcleos globais urbanos e suas funções se alteraram conforme os anos, desde seus polos industriais aos residenciais. Gaspar (2009), traz uma visão, antes da pandemia do coronavírus, de mudanças em sentidos rituais e ceremoniais de tempos que agora, são remotos. Que se passando entre a acumulação industriais da modernidade e o comando produtivo-financeiros do mundo.

Na história, em todos os continentes, sempre houve a importância das cidades que cumprem uma função indispensável na humanidade. Mesmo antes das cidades globais contemporâneas viessem a construir o que vimos na rede urbana. Temos exemplos de lugares que abrigaram o poder brilhantes como Cairo, Atenas e Roma. Temos na Clássica, Gênova, Veneza, Lisboa e Amsterdam. Como os mercantilistas, Teotihuacán, Tenochtitlán e Cuzco. Na América pré-colombiana: México, Antiga Guatemala. América colonial hispânica e na modernidade industrial temos Londres, Paris, Nova Iorque, Tóquio e assim por diante. E com esses exemplos, que cumpriram o papel de polos direcionais e na influência política, econômica e cultural no Ocidente e no Oriente (GASPAR, 2009).

Durante o curso da história da globalização, as grandes e pequenas cidades estavam funcionando como máquinas de crescimento da civilização, facilitando a evolução do conhecimento, da cultura e da tradição, assim como a economia, indústria e comércio.

Quando chegamos em 2020, a pandemia da COVID-19 se fez presente e nos levou para outro rumo, várias medidas foram adotadas para a contingência da doença. Muito da própria medicina teve sua tecnologia evoluída para telemedicina, com várias iniciativas, como atendimentos restritos ou à distância (FERREIRA et al., 2020).

Além desse aspecto, o cenário se alterou para outras áreas afetadas que fazem utilização da tecnologia, alterando também as relações humanas. Como a saúde, a vida social, relacionamentos e hábitos, além de outros setores, como

a economia, educação, entre outros, sentiram as mudanças tecnológicas nesse período.

Ao falar de tecnologia, o mundo em que vivíamos possuíam grande vínculos aos lugares estratégicos que estavam abrigados, em instalação do complexo de serviços, em polos comerciais.

Existe uma dificuldade ao calcular os danos causados pelo coronavírus, que atingiu o mundo. Mortes, ruptura no sistema de saúde, crise econômica em todos os setores e no aumento da diferença entre as classes sociais.

De acordo com André Lemos (2020), novidades que poderão fazer parte do nosso futuro depois da pandemia do coronavírus e outras ferramentas já existentes, mas que irão se popularizar. André Lemos (2020), acredita que as pessoas irão passar ter número de identificação digital, bem como haverá uma vigilância eletrônica maior, além de melhorar as competências de trabalho e educação através de sistema online.

Colocando um ponto de interrogação de como ficará a humanidade diante das dificuldades impostas, Juçara Mapurunga (2020) afirma que o que gerou insegurança e ansiedade nas pessoas, ao nascer grandes questões em relação a grande quantidade de adoecimentos como as depressões e as síndromes do pânico.

Hoje, em tempos de mudanças provocadas pela pandemia do coronavírus, aprendemos a lidar com o “novo normal”, onde a população teve que se acostumar. A tecnologia, teve seu fluxo modificado, que conforme anteriormente, podemos observar a necessidade que era imposta dos lugares estratégicos. Segundo Manhães (2021), as dinâmicas laborais foram modificadas e vários edifícios comerciais se tornaram parte de um cenário de obsolescência frente às vantagens do teletrabalho.

Desse modo, as cidades “inteligentes” dependem de planos e soluções tecnológicas, no âmbito do sistema de implementação e avaliação da política urbana. Que está propício à gestão e à oferta de redes e serviços urbanos de forma mais interativa e responsiva. São mecanismos atrelados a expressão “smart”, que são planos e avaliações apresentadas de forma urgente,

especialmente em cenários de crise, como o que vivemos na COVID-19, que exige uma solução com eficiência tecnológica para a gestão das cidades correspondam de forma rápida para superação dos problemas vivenciados em tempo real.

Nas palavras de Hochtl, Parycek e Schollhammer (2020), a inserção da tecnologia, especialmente na expansão da variedade de dados úteis ao desenvolvimento urbano, permite que a etapa de avaliação do ciclo de políticas públicas não ocorra somente ao final do processo, mas continuamente, abrindo possibilidades permanentes de reiteração, reavaliação e consideração.

Quando falamos em superação dos problemas vivenciados em tempo real, a introdução para a expressão “smart” está atrelada na associação do modelo usual da urbanização, que precisa ser garantido a qualidade das tomadas de decisão em tempo real. O campo que alimenta essa necessidade é a ciência de dados, quando coleta um grande volume de informação, “Big Data”. E com especializadas e aprofundadas pesquisas no ramo científico, como é o caso de “Big Data”, que significa utilizar inteligência em grandes quantidades de dados para retirar informações úteis (TING *et al.*, 2020).

Com o passar dos anos, houve espaço para o desenvolvimento na estrutura dos Estados pelo mundo, provocando processos de alteração na estruturação da política econômica urbana. Que deve ser compreendido como uma nova forma de se utilizar os dados, gerando valor econômico e qualificar as tomadas de decisão. Assim como a produção e captação de dados de forma voraz, ao analisar e validar os dados, podendo se chamar de “Big Data Analytics”, permite a compreensão da atual situação e gera valor de maneira que pode ser aplicada para uma nova compreensão urbana e arquitetônica (GOÉS *et al.*, 2020).

3 OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NA CULTURA E NO E-COMMERCE

Em movimentos culturais tiveram sua agenda alterada, com o lockdown aqueles desse setor se reinventaram e aproveitaram do streaming, houve um aumento extraordinário de lives, shows digitais, o que alterou o curso da economia criativa. No lugar de teatros, casas de shows e cinemas, o conforto da própria casa e da sua arquitetura se adaptaram para a nova forma de ser cultural, criação de espaços para descompressão. Houve parques fechados, qualquer tipo de passeio e contato com outras pessoas estava fora de cogitação, entrando novamente na necessidade que a população sentiu ao transformar seu lar em um lugar que possuísse sua paz e distração. E para aqueles que não possuíam o espaço necessário, houve um aumento considerável na economia imobiliária (GÓES *et al.*, 2020).

A pandemia nos mostrou que há fragilidade em várias áreas, não só na área cultural, houve uma falta de compreensão e reconhecimento político do setor. O fato do prolongamento do isolamento social e com a falta de iniciativas governamentais, que poderiam ter minimizado a desproteção trabalhista e previdenciária. O trabalho remoto não é uma alternativa universal, sendo necessário uma reflexão profunda, com a diferenciação ou não do tempo de trabalho e do tempo pessoal livre entre outros e a estruturação desigual das condições de trabalho (GÓES *et al.*, 2020).

De acordo com Góes, Athias, Martins e Silva (2020) em lazer, devido ao inesperado e imprevisto, o impensável pelos administradores de empresas, foi determinado pelos Governos de Estados a obrigatoriedade cessação e restrição há tudo aquilo que não é essencial durante, mesmo que temporária, COVID-19.

As diferenças sociais, econômicas entre os demais setores, a pandemia não foi neutra em relação as desigualdades sociais e vulnerabilidade que se acumulam contra os trabalhadores do setor cultural.

Além disso, inúmeras questões esperam regulamentação, tais quais remuneração, subsídios sociais, responsabilidade por equipamento (especialmente tecnológicos), definição de

horários, direito de desligar, proteção à saúde, direitos negociais ou sindicais, limites aos controles patronais etc (GÓES et al., 2020, p. 06).

Portanto, para grande parte dos setores econômicos mundiais, o setor cultural sofreu absurdamente. Em destaque, 88,6% tiveram queda no faturamento, 63,4% contaram que não é possível realizar atividades enquanto perdurarem as medidas que vetam o contato físico; 50% tiveram projetos suspensos e 42%, cancelados. Com relação à captação de recursos, 38% informaram ter perdido patrocínios obtidos antes do início da crise, segundo Sérgio Sá Leitão, secretário de Cultura e Economia Criativa de São Paulo (BRASIL, 2021).

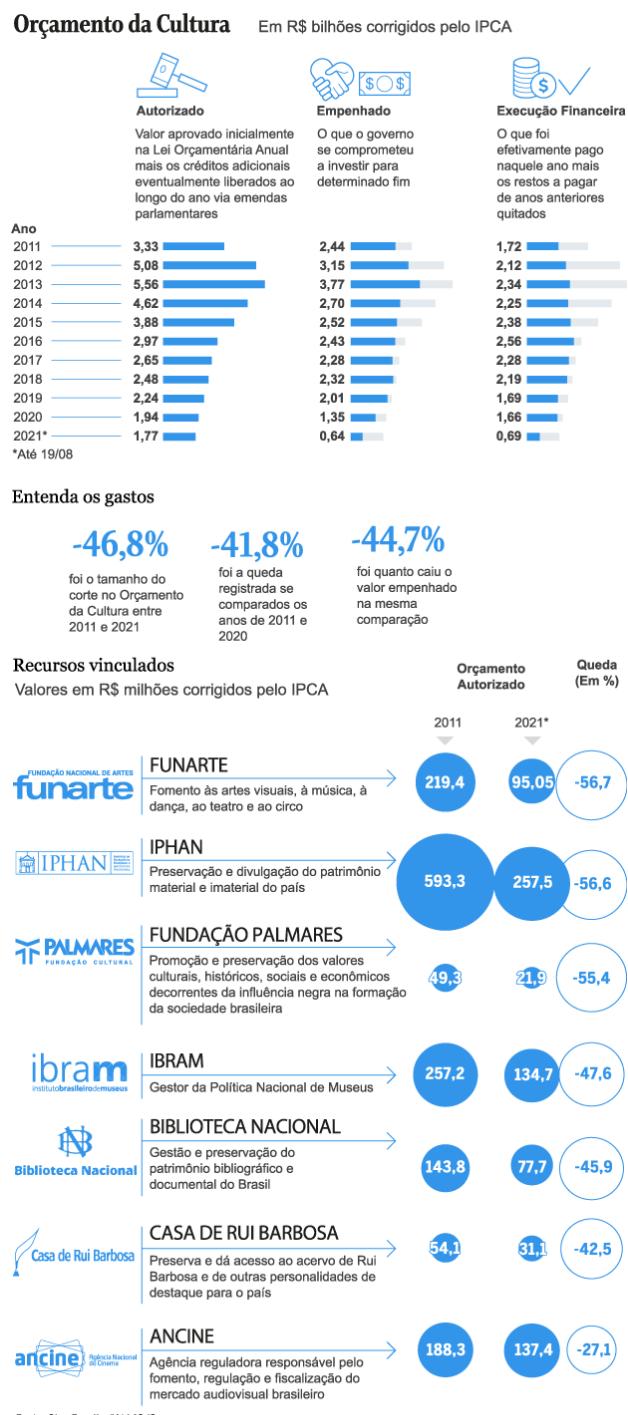
Segundo autora Brasil (2021), o mundo da tecnologia passou por grandes transformações e o trabalho remoto entrou em ação nas políticas públicas culturais que coloca em jogo dois lados: o benefício e otimismo das possibilidades criativas e a melhor utilização do tempo, outro lado, o ceticismo relacionado aos direitos do trabalho. Segundo o IBGE, o consumo do setor cultural está ligado aos acessos e a utilização de tecnologia. O uso de celulares foi correspondente por 98,6%, 141,7 milhões de pessoas acima de 10 anos utilizaram a Internet em 2019 (BRASIL, 2021).

De acordo com Cristina Índio do Brasil (2021) se formou um impacto na ocupação cultural, o total de postos de trabalho caiu 8,7% ao passar de 95 milhões e em 2019 para 86,7 milhões, afirmado pelo IBGE. Em 2020, São Paulo (7,5%), Rio de Janeiro (7%) e Rio Grande do Norte (6,7%) foram as unidades da Federação que registraram os maiores percentuais de pessoas trabalhando no setor cultural.

O valor adicionado do setor cultural atingiu R\$ 256 bilhões em 2019. O valor representa 9,8% do total de riqueza criada no âmbito das pesquisas econômicas anuais da indústria, do comércio e dos serviços, realizada pelo IBGE. O que indica uma queda de 1,4 ponto percentual em relação a 2009, quando registrou 11,2% (BRASIL, 2021).

As estimativas de participação do setor cultural na economia brasileira, antes da pandemia, variam entre 1,2% a 2,67% do PIB (GÓES et al., 2020).

Figura 1 – Orçamento federal da cultura



Fonte: O Globo (2021).

A cultura brasileira viu seus recursos diminuírem ano após ano e conforme relatado acima, o governo teve seus recursos disponíveis para políticas culturais recuando cerca de 46,8% entre 2011 e 2021. Há dez anos, o Ministério da Cultura tinha à disposição R\$ 3,33 bilhões e no ano de 2021 apenas autorizado R\$ 1,77 bilhão (ANTUNES, 2021).

Segundo Antunes (2021), uma das situações que levou a queda do orçamento está ligado ao governo de Jair Bolsonaro, que fez a Cultura perder status de ministério e se tornou uma secretaria especial dentro da pasta do Turismo.

Além da queda no orçamento autorizado, o uso dos recursos também diminuiu. O que governo se comprometeu gastar através de contratos caiu 44,7% entre 2011 e 2021.

Para o sociólogo e pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) Frederico Barbosa da Silva, o baixo empenho desde o ano passado pode ser explicado pelo fato de o setor cultural estar ainda sob o forte impacto da pandemia, que impôs o fechamento dos espaços e o cancelamento de eventos culturais, mas também pode fazer parte de uma estratégia política (ANTUNES, 2021, p. 01).

Entre aqueles que foram atingidos pelos estragos da pandemia, está o Shopping Center, que congrega diversas partes de atividades econômicas, que teve a suspensão de atividades por tempo indeterminado em 2020. E tudo isso por conta do controle maior imposto pelos respectivos Governos sob o fundamento da proteção à saúde.

Antunes (2021) cita Almeida (2021) e suas preocupações sobre as situações enfrentadas pelos donos de lojas e comércio,

(...) sejam por aqueles que se encontravam instalados nos estabelecimentos em regime de Shopping Center, dentre as quais, algumas, tais como: seria possível suspender, também, o pagamento dos aluguéis e até mesmo resolver o contrato sem penalidade? (ALMEIDA, 2021, p. 89).

Que em fato acabou sendo uma grande queda para os estabelecimentos, pois ainda havia de pagar os alugueis, manutenção, segurança, publicidade e promoções para se manter no Shopping Center (ALMEIDA, 2021).

Quando houve a reabertura dos Shoppings, o empresariado do setor esperou o afrouxamento das medidas restritivas conforme o ritmo da vacinação pelo mundo, com isso a recuperação da atividade econômica, redução do desemprego causado pelo fechamento das lojas e o avanço das concessões de crédito, contribuam para voltar a crescer.

Um dos fatores a ser observado é o nível de vacância:

Todos os shoppings perderam lojistas na pandemia, mas os shoppings mais fortes têm uma capacidade de recuperação muito grande. Curiosamente, temos na carteira de ativos de shoppings que hoje estão com nível de vacância menor do que tínhamos em fevereiro do ano passado", comenta Alexandre Machado, sócio-fundador e diretor da Hedge Investments (GUIMARÃES, 2021, p. 01).

Segundo Guimarães citado acima, a grande receita para a retomada das atividades econômicas em Shopping Center é se o mesmo tem muita vacância, ele pode perder a atratividade pois ele não consegue mais oferecer o mix que oferecia antes de lojas e atrativos, o consumidor fica triste ao circular por corredores cheios de tapumes. E, se o consumidor não está feliz, ele não consome. A vacância comprometeu os resultados durante esses anos de pandemia, pois há perda de receita de aluguel e deve custear as despesas do local.

Apesar dos esforços dos empreendedores do setor, aumentou e ganhou força o hábito de consumo e debate sobre inovação e transformação digital. É fato que o e-commerce ganhou espaço, para muitos produtos, já não faz mais sentido a compra presencial. A estratégia lançada é:

(...) oferecer soluções omnichannel, em que o shopping atua como mall as a hub, integrando o varejo físico e o digital, conectando lojistas e disponibilizando espaços para estoques, centros de distribuição, cross docking e outras ferramentas de logística; dark stores (lojas fechadas que só vendem pela

internet) e marketplaces. Até as garagens, que representam algo em torno de 20% do faturamento dos shoppings, estão sendo repensadas (GUIMARÃES, 2021, p. 01).

Em continuação ao que Solange Guimarães diz, enquanto busca se reinventar, o setor calcula as perdas com a pandemia. Em 2020, o faturamento de R\$ 128,8 bilhões representou uma queda de 33,2% em relação a 2019. Um resultado surpreendente, considerando que nos meses em que estiveram fechadas as perdas dos comerciantes chegaram ao patamar de 90%.

Em outro pondo de vista, o e-commerce cresceu 27% em 2021 em relação a 2020 e faturou R\$ 161 bilhões, em levantamento realizado por Neotrust (2022), empresa que monitora 85% do e-commerce brasileiro.

Podemos notar um crescimento de 17% nos pedidos em 2021, nos levando ao caminho da importância das empresas de logística, ao todo temos 353 milhões de pedidos com um ticket médio de R\$ 455.

A pandemia, os avanços na logística e a mudança de comportamento dos consumidores explicam os resultados positivos desse crescimento para Paulina Dias, head de inteligência da Neotrust:

Mesmo nos meses que as restrições foram menores, houve uma mudança de comportamento do consumidor. Ele começou a entender que ele poderia comprar online e depois trocar na loja. Se na loja eu vi, mas estou com pressa, deixo para comprar online. Até mesmo quando tem fila, o consumidor deixa para comprar online (BUSS, 2022, p. 288).

Na distribuição regional, Sudeste teve 57,9% de participação no faturamento do e-commerce, 2º lugar ficou o Nordeste com 17,5%, em seguida ficaram a região Sul com 14,8%, Centro-Oeste (7%) e o Norte com 2,8% (HUMAI, 2022).

Segundo Glauco Humai (2022), o Nordeste conseguiu ascender na melhoria da logística graças as lojas da região que começaram a se preparar mais, a ter mais centros logísticos. Voltamos a analisar a necessidade das empresas de logísticas mais para frente nesse trabalho que anda em paralelo a

necessidade um planejamento urbano através do Estado e empresas particulares.

Analizando de forma mais completa, podemos perceber que a partir do começo da pandemia do coronavírus a venda de forma eletrônica superou as vendas em shopping centers do Brasil, o que deixou os administradores dos centros de compras em alerta (TRIBUTINO, 2022).

Os shopping centers obtiveram um valor de vendas de R\$175 bilhões, segundo a previsão. A pesar da competição, os centros não estão correndo risco. Há uma necessidade de alerta em relação a inovações. O desafio abordado é digitalizar as vendas, que seja de forma hibrida, mesclar o físico com o virtual.

Para Glauco Humai (2022), presidente da Abrasce (Associação Brasileira de Shopping Centers), há uma dificuldade de analisar quantas vendas onlines partiram do próprio shopping em relação ao e-commerce. Como pode ter sido vendas realizadas por meio de WhatsApp da loja física, por exemplo. O que torna difícil separar do que é venda online e offline.

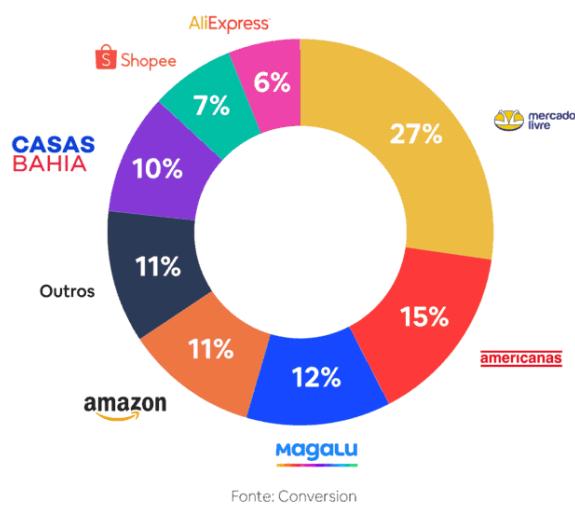
Um case claro dessa particularidade, analisado por Letícia Flávia Pinheiro (2021), é a loja Amaro, uma varejista tech que realizou uma integração entre e-commerce e lojas físicas. Ao analisarmos o case, os marketplaces horizontais no Brasil crescem consideravelmente. A Amaro se destaca devido ao acompanhamento da digitalização da sociedade e entrega uma experiência única aos clientes. Os dados mostram que os maiores canais de venda são pelo aplicativo e pelo site da loja, porém, 20% do faturamento da companhia vem dos guide shops espalhadas pelo Brasil. Guide shops são como lojas físicas, com mostruários mas sem estoque. Os consumidores podem olhar e provar os produtos, mas ao comprar, em vez de levar o produto para casa, a empresa entrega em sua casa. As guide shops reforçam a ideia do omnichannel, isto é, o modelo de vendas conectadas em todos os canais. Atualmente, a Amaro possui 20 lojas desse tipo.

Os analistas apresentadores do Tela Azul, por sua vez, acreditam que ações de empresas tech são as de maior potencial para deslanchar a longo prazo. (...) Eles vão indicar ações tech listadas na bolsa americana, com valor de mercado entre US\$ 5 e US\$ 20 bilhões que têm tudo para serem a

próxima Tesla, Facebook ou Alphabet no futuro (PINHEIRO, 2021, p. 01)

Abaixo podemos observar o gráfico dos maiores e-commerce do Brasil, sendo que em análise 93% dos brasileiros dos brasileiros conectados já realizaram compras pela internet, 91% dos preços no e-commerce é melhor que nas lojas físicas, 34% das pessoas têm gasto de R\$ 151 a R\$ 300 em cada compra realizada pela internet (IVO, 2022).

Gráfico 1 – Os 10 maiores e-commerce do Brasil



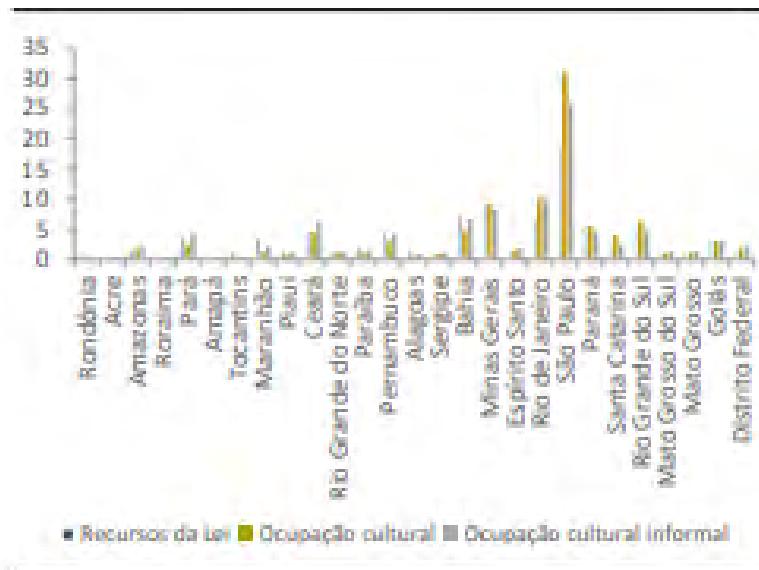
Fonte: Conversion (2022).

As consequências no setor cultural após a pandemia ainda estão sendo medidas, mas as reações mais fortes aos seus efeitos em termo de políticas públicas foi a Lei Aldir Blanc que

reconheceu desproteções individuais, a informalidade do setor e a presença de formas organizacionais múltiplas (desde os empreendimentos capazes de acessar recursos no sistema financeiro até associações culturais a serem fomentadas a fundo perdido) (GÓES et al., 2020, p. 13).

Abaixo analisamos o gráfico que mostra a distribuição percentual de recursos nas Unidades da Federação proposto por Lei:

Gráfico 2 – Distribuição percentual de recursos previsto pela Lei AldirBlanc



Fonte: CMN e PNAD (2019).

Diversas iniciativas já foram concluídas e outras já estão em andamento com ideia de medir o impacto da pandemia no setor cultural.

Por exemplo, estudo da Associação Brasileira de Promotores de Eventos (Abrate) de abril de 2020 teve como resposta de seus associados que 51,9% dos eventos previstos foram cancelados, adiados ou estavam em situação incerta, o que poderia levar à demissão de 580 mil profissionais da área. No mercado da música em São Paulo, um grande número de eventos foi suspenso e estimou-se prejuízo de R\$ 442 milhões. Em estudo on-line nacional, com coleta entre março e julho, o Observatório da Economia Criativa da Bahia chegou à estimativa que 65,8% das organizações tiveram que reduzir contratos e 50,2% demitiram. Por outra ótica, um estudo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) estimou que a despesa familiar em atividades culturais fora do domicílio represada pela pandemia

levaria a uma perda estimada de R\$ 11,1 bilhões no valor adicionado (GÓES et al., 2020, p. 14).

Um estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas e pelo Sebrae, com o governo de São Paulo, 546 empresas do setor cultural e criativo do Brasil, em maio e junho de 2020, o setor representava R\$ 190,5 bilhões em 2019, após um crescimento de 4,6% de 2018. Em 2020, 88,6% empresas registram queda em seu faturamento, 63% paralisaram suas atividades durante a pandemia.

Por fim, podemos analisar que o potencial do home office do setor cultural, segundo a PNAD Contínua, era de 45% no primeiro trimestre em 2020. Para além dos dados de ocupação, cabe destacar que o teletrabalho tem impactos quanto aos formatos de interação, e remete à questão da gratuidade e construção de redes de criação, produção e difusão cultural. Com a aplicação da Lei Aldir Blanc seria necessário monitoramento, pois há evidências de que os profissionais da cultura de baixa renda estão mais localizados no Nordeste do que a repartição prevista dos recursos. Variabilidade entre a distribuição dos recursos da lei e onde se estão os ocupados no setor por estado também é considerável (GÓES et al., 2020).

Um desafio que deverá ser avaliado em futuros trabalhos é a utilização do recorte de setor cultural definido pelo IBGE com dados da PNAD Contínua, pois agrupa atividades e ocupações direta e indiretamente relacionadas à cultura, o que leva à inclusão de setores ligados às telecomunicações e fabricação de eletrônicos, por exemplo. Esses setores são certamente essenciais para a fruição cultural na atualidade, mas são mais formalizados que outros, e podem ser objeto de políticas diferentes de outras direcionadas a empresas e profissionais das artes, com vínculos sabidamente mais precários. Da mesma forma, a avaliação transversal dos dados da PNAD Contínua dá conta apenas parcialmente de caracterizar os desempregados, quer dizer, em que proporção vieram do setor cultural. Inovações metodológicas podem então ser pensadas para dar conta dessas limitações (GÓES et al., 2020, p. 18).

Como podemos ver, a pandemia do coronavírus intensificou as compras on-line, o investimento nesta área também é visível, desde publicidade, como uma nova integração na logística urbanista. Desta forma, influência a locomoção

dos brasileiros, diminuição de lojas físicas, o que implica na nova forma de se ver os prédios comerciais, novos polos de trabalho, novos centros logísticos.

4 OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NA ECONOMIA E GLOBALIZAÇÃO

As mega-cidades possuem um quadro social e ambiental da globalização, de forma que se concentra na arquitetura e no urbanismo, da verticalização e da velocidade (GASPAR, 2009). Precisamos observar como a globalização é afetada pela economia.

A globalização econômica estabelece a integração entre os países e as pessoas do mundo todo. Através dela, o mundo se conecta pelas empresas e instituições que realizam trocas financeiras, culturais e comerciais (BEZERRA, 2022).

Definindo a globalização financeira quando ocorre troca de recursos financeiros entre governanças soberanas por distâncias multicontinentais, sendo mais rápido e simplificado do que bens e serviços, devido ao uso da tecnologia e de intermediadores financeiros como bancos, investidores, corretoras, entre outros (LANE e FERRETI, 2017 APUD THORSTENSEN et al., 2019). No processo se criou um cenário em que o mercado financeiro internacional se globalizou e os blocos econômicos, se integraram por conta de objetivos comuns, ou seja, a busca pelo lucro (THORSTENSEN et al., 2019).

É um fenômeno que foi aprofundado após a queda do Muro de Berlim, em 1989. Com isso, houve um aumento de fluxo de mercadorias e transações financeiras. Dentro desse contexto, várias associações entre países surgiram como o Mercosul, APEC, Nafta, etc. A partir desse momento, deixou de existir uma divisão mundial (BEZERRA, 2021).

E segundo a autora, as empresas transacionam o comércio no mundo e são os principais agentes da globalização econômica.

De acordo com Gaspar (2009), ao pensar no consumismo, no design funcional ao capital e na verticalização, com os prováveis resíduos, desigualdades sociais e ambientais. Um modo de acelerar o desenvolvimento ligado por redes da globalização de capitais, pessoas, trabalho e mercadorias.

É claro que podemos ligar o governo e a nação na dominação do processo de globalização.

O centro da rede global de cidades está relacionado à grandes projetos, eventos e forças corporativas. Um centro no extremo Oriente que possui forças que desafiam e redirecionam a centralidade do capitalismo Ocidental, com o declínio da liderança norte-americana, mas que ao invés de causar deslumbramento deve nos lembrar os efeitos e ecolimites do desenvolvimento cego das forças produtivas e do neofordismo expandido (GASPAR, 2009).

Pelo fato das empresas estarem no comando dessa globalização econômica, existe uma crise, a fase do excesso que exige uma reconversão superando o padrão norte-americano, sendo ela, o neoliberalismo adotado nos anos 80 e uma transição dos padrões que direcionam para um novo paradigma de desenvolvimento social e ambiental, onde as escalas e as políticas se colocam em um giro crítico no plano mental, social e ambiental. Já que a proposta do neoliberalismo é o Estado ser apenas um regulador e não um impulsor da economia. O que acaba permitindo uma flexibilidade maior nas leis trabalhistas como uma das medidas para fortalecer a economia de um país. Isto gera uma economia extremamente desigual onde somente os gigantes comerciais tem mais adaptação neste mercado (BEZERRA, 2021).

O que permitiu os Estados explorarem a liberalização dos fluxos financeiros internacionais, para que se conseguisse ingressar e competirem no cenário internacional.

Tal estratégia foi usada, principalmente, pelos países em desenvolvimento, de modo a conseguir lucros em um curto período de tempo. Em suma, as produções nacionais não eram receptoras de grandes investimentos, sendo que seu atraso industrial dificultava colocar produtos no mercado internacional de modo a suprir a demanda do capitalismo e conseguir algum lucro (CHINAGLIA, 2020, p. 06).

Para Bresser-Pereira (1998), o neoliberalismo na América Latina possui assimetrias políticas e socioeconômicas se compararmos aos países. Elenca que

tal cenário de subdesenvolvimento latino americano foi agravado pelos antecedentes históricos como as ditaduras militares da

década de 1960 e que colocaram em xeque as democracias nacionais. Com a redemocratização dos países do Cone-Sul nos anos 1980, os governos militares deixaram como legado: isolacionista estatal; medidas protecionistas econômicas e comerciais; crise da dívida externa; crise fiscal do Estado; elevadas inflações; juros altos e um baixo crescimento econômico. Assim sendo, tais fragilidades e o próprio subdesenvolvimento da região criaram um cenário difícil de se ajustar diante da globalização neoliberal, o que indicava acuradamente um risco elevado de crises econômicas (CHINAGLIA, 2020, p. 07).

Chinaglia (2020), explica que o investimento do mercado financeiro tem uma característica chamada globalização financeira que sobressaiu as produções nacionais, ou seja, globalização produtiva.

Ainda segundo o autor, já em 1990, o processo de globalização vai se instalando no sistema internacional, onde configurou a ordem multipolar, o que gerou uma internacionalização do capital e da produção. Criando blocos econômicos, integração internacional e regional.

A globalização agravou a interdependência multilateral com sua premissa de sobrevivência, sendo que em uma nação soberana é impossível produzir todos os bens necessários para a sobrevivência no sistema internacional. Se leva em conta que na dependência internacional, os Estados estão sempre procurando vantagens e proteções econômicas, para se obter lucro. Portanto, esse cenário de globalização, levou a criação de diversos blocos econômicos ao redor do mundo, como a União Europeia (UE), Acordo de Livre Comércio da América do Norte (ALCA), Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), dentre outros (Gonçalves, 2018).

Tavares e Metri (2020) explicam que a globalização financeira possui uma ruptura da paridade com o dólar, ou seja, quando o país começa a utilizar das flutuações cambiais e a desregulamentação financeira, há uma possibilidade de causar fuga de capitais e desequilíbrios estruturais das balanças comerciais. Os países, principalmente os periféricos, não teriam a possibilidade de manter por muito tempo a paridade com o dólar como uma unidade de referência das

finanças internacionais, visto que a inserção e competição internacional seriam totalmente desvantajosas.

A pandemia do coronavírus traz à tona o deslizamento das guerras financeiras, da guerra tecnológica que seguem para as catástrofes ligadas ao quadro sanitário e epidemiológico. O que exigiu uma mudança da população que colocou em questão a desmaterialização, a desterritorialização e a dimensão globalizada da modernidade líquida, promovida pelas fronteiras dilatadas que já tinham entrado em colapso por força dos movimentos, das dívidas e fugas de pessoas e capitais que marcam a produção dos espaços que sustentam este tipo de arquitetura, uso e produção do espaço urbano globalizado, segundo Senhoras (2020).

Explicado por Senhoras (2020), o surto da COVID-19 causa impactos econômicos assimétricos, pois podem variar de acordo com a estabilidade, sensibilidade e vulnerabilidade de cada país, mas que em cenário global, afetam a macroeconomia dos Estados e a microeconomia das cadeias mundiais de produção e consumo.

O primeiro impacto do novo vírus na globalização foi a paralisação das indústrias chinesas. As cadeias de produção de todos os setores espalhados pelo mundo, passaram por um choque inesperado, provocado pelo coronavírus (GUROVITZ, 2020).

No primeiro momento, o protecionismo e nacionalismo falou mais alto, os países mais desenvolvidos fecharam suas fronteiras (GUROVITZ, 2020).

A pandemia se mostrou um risco de confiança nas cadeias globais de produção e ressurgiu o protecionismo:

Antes mesmo da crise do coronavírus, o governo Trump já promovia uma guerra comercial contra a China, cujo objetivo era o “desacoplamento” das duas economias que funcionaram como motor do crescimento global nas últimas décadas. As dificuldades práticas dessa meta ficaram óbvias quando a China se viu obrigada a interromper a produção, paralisando as cadeias globais (GUROVITZ, 2020).

Como podemos observar, segundo o autor, a pandemia deu força ao nativismo comercial. A Índia restringiu a exportação de medicamentos e ao mesmo tempo que a Itália pediu ajuda à EU (União Europeia), foi a China que se propôs a fornecer máscaras e equipamentos médicos aos italianos.

Podemos concluir que a pandemia, com o vírus circulando rapidamente, afetou a livre circulação de pessoas e mercadorias. Por mais que no ano de 2022 a globalização tenha retomado rapidamente, ficou claro que as viagens domésticas e internacionais ou a circulação de mercadorias foram alteradas, principalmente nos primeiros meses, mas as consequências vêm se prolongando (VASCONCELOS, 2021).

No mundo, a China e os Estados Unidos da América (EUA) buscam os meios para ir além da lógica autoritária e do determinismo tecnológico, em seus questionamentos de suas diversidades. A autoridade se complicou com o negacionismo.

Nesse cenário, a globalização da economia entrou em julgamento. A pandemia, inegavelmente, servirá de base para questionar crenças que estavam profundamente arraigadas no conceito de ver o mundo (VASCONCELOS, 2019).

As questões globais, antes da pandemia, eram completamente estruturais ligando desigualdade, meio-ambiente, saúde, ecologia, economia e os modos de governar, com as marcas da responsabilidade, do sentido público e da justiça social e ambiental. Direito ao desenvolvimento das cidades globais com bem-estar é a resposta estratégica para a construção do “novo normal” que supere a rota destrutiva da globalização neoliberal e da guerra (GASPAR, 2009).

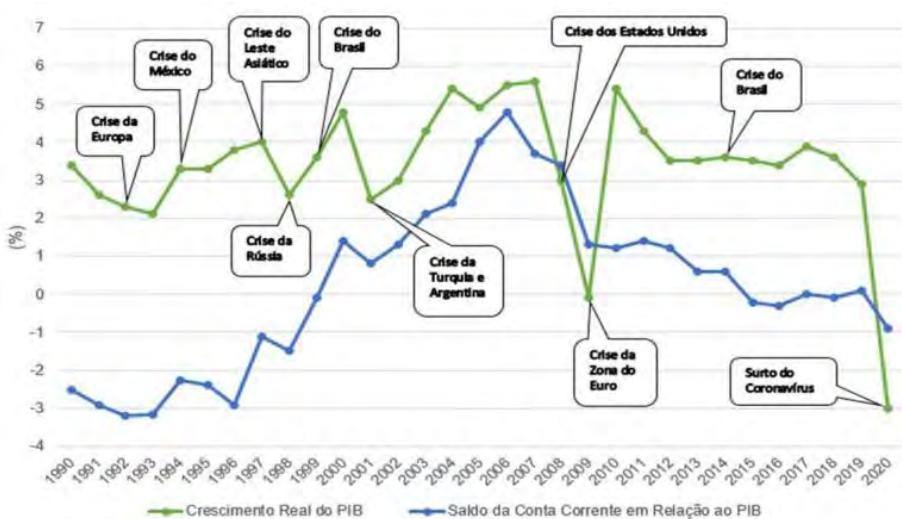
Segundo a Fundação Getúlio Vargas (2020), o Índice de Confiança do Comércio [ICOM] monitora e antecipa as tendências econômicas comércio e, assim, apenas em março de 2020 foi averiguado que o índice caiu 11,7 pontos, sendo ocasionado pela preocupação dos empresários com relação aos negócios diante da COVID-19.

Segundo Chinaglia (2020), o mercado de capitais sofreu com a disseminação do vírus, se mostrando frágil a qualquer tipo de externalidade, causando impacto por muitos anos.

Senhoras (2020) analisa que a globalização financeira é muito volátil, visto que o surto de uma pandemia acarreta uma grande fuga de capitais nacionais, regionais e multilaterais, o que, consequentemente, a vulnerabilidade da financeirização se dá pelas quedas dos preços nas bolsas de valores. Explica que o capital saindo de um determinado país, este irá procurar meios de ações para contenção, como a flutuação cambial, que gerará um ciclo vicioso de recessão econômica em escala mundial.

As recessões econômicas, como podemos analisar na Figura 2, já aparecem no início de 2020 e que estão vivendo o mesmo cenário das crises econômicas dos anos 1990. Porém, era de se esperar que as crises do passado levassem os Estados a compreenderem a volatilidade do mercado de capitais, assim como a globalização financeira. Resumindo, era de se esperar que em momentos de crise os países tivessem recursos e investimentos nacionais sólidos de modo a suprir quaisquer externalidades no cenário global (CHINAGLIA, 2020, p. 06).

Figura 2 – O crescimento anual do PIB e do Saldo da Conta Corrente em relação ao PIB (%) diante de crises econômicas e do surto do Coronavírus



Fonte: Elaborado a partir do FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (2020); BANCO MUNDIAL (2020).

De acordo com a Figura 2, podemos observar a vulnerabilidade da globalização financeira, assim como os impactos da crise do capitalismo nas

economias nacionais, como uma redução na taxa de crescimento do PIB e no saldo da conta corrente.

Podemos analisar também que houve uma evolução dos investimentos no capital especulativo. Até o início dos anos 2000, há uma queda razoável no PIB dos Estados Nacionais diante das crises econômicas, contudo nas décadas seguintes é possível apurar níveis agravantes nas quedas do Produto Interno Bruto, reafirmando como os países sustentaram suas estratégias de crescimento em pilares frágeis da financeirização. Portanto, os Estados substituíram seus comandos produtivos e sistêmicos de muitas fábricas para poucas instituições financeiras, como os mercados de ações ou os bancos propriamente ditos (CHINAGLIA, 2020, p. 06).

Concluindo, a pandemia provou que a globalização financeira é vulnerável, mas como o próprio neoliberalismo também é.

A possibilidade de transações financeiras internacionais; as flutuações cambiais; diminuição do papel de Estado; etc., como parte da doutrina neoliberal, deixou os países muito vulneráveis perante a globalização, visto que diante de externalidades suas produções nacionais não viriam a suprir as demandas do capitalismo e o país não teria condições suficientes para conter os desequilíbrios nacionais (CHINAGLIA, 2020, p. 07).

5 OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NA ARQUITETURA E URBANISMO

A arquitetura não somente se mensura pelos conjuntos, mas pelos espaços vazios, mas pelo espaço velado onde os homens habitam e se movem. O espaço, que só pode ser experimentado quando vivido, é a joia arquitetônica, é a realidade concreta da arquitetura (ZEVI, 1996).

Conforme as cidades foram expandindo, os espaços livres foram sendo ocupados por avenidas projetadas para alta velocidade, pontes, túneis e viadutos, tudo que corta a paisagem para evitar a chateação de parar em um semáforo ou congestionamento. As calçadas foram diminuindo assim como a área verde que acompanham essas cidades que se dobravam às necessidades dos transportes motorizados. Ao longo da história, a arquitetura se compôs as várias exigências da natureza, se adequando as civilizações e estruturando-se dentro histórico e crítico (ZEVI, 2008), o que significa que, quando há alguma transformação “no” homem, a arquitetura a reflete, com a mudança no espaço vivido (BOLLNOW, 2019).

O conceito de casa, de abrigo significa se sentir em casa em um certo lugar, per pertinência. Dentro de casa, as perspectivas de espaço são alteradas os limites são nítidos e os contornos que separam o externo são visíveis. Essa dualidade entre o interno e o externo é fundamental para a vida humana; mesmo diferentes, esses universos coexistem (BOLLNOW, 2019).

Diante do cenário atual a arquitetura passou a incorporar novos recursos industrializados ao processo projetual, desde a ideia até o final das construções. Houve a necessidade de um projeto aberto e eficiente com novas tecnologias e técnicas inovadoras para a interversão do espaço (SILVA *et al.*, 2021).

A frase do ano 2020 foi “fique em casa”. A frase fez com que esse espaço sofresse uma ressignificação, em que as características de proteção e de abrigo ficaram mais necessárias e evidentes (GHISLENI, 2021).

Com a atual pandemia de COVID-19, com a rápida dispersão, além de ter causado vários danos nos países, não só o setor da saúde precisou se adaptar,

mas também todos os setores da arquitetura e do urbanismo foram obrigados a assegurar saúde, conforto e higiene para os usuários (SILVA *et al.*, 2021).

A pandemia da COVID-19 tem deixado diversas questões de como arquitetos e urbanistas podem apresentar ideias de prevenção ou readaptação do espaço existente (MEGAHED, 2020).

A arquitetura efêmera de emergência, que significa uma arquitetura que não é permanente, onde seus materiais e suas estruturas podem ser totalmente reaproveitados para montar novas estruturas em novos locais, conforme a demanda e a necessidade de espaços, tem sido um forte aliado aos sistemas de saúde internacionais e nacionais, desde construções de hospitais de campanha à adaptação de espaços preexistentes para suportar a demanda (SILVA *et al.*, 2021).

Culturalmente, o isolamento social vertical não é novidade. A tendência sempre foi manter e proteger os mais frágeis, como idosos, crianças, doentes e recém-nascidos, evitando a exposição nesse tipo de situação. Nesse caso, os saudáveis também tiveram que se isolar. O impacto em prol da saúde pública atingiu outras áreas sociais, como o acesso ao sistema de saúde, à educação e principalmente à economia (ARAUJO, 2020).

Segundo Índice sobre Isolamento Social no Brasil, levantado pela Inloco (2021), com dados coletados desde 01 de fevereiro de 2020, na última coleta, em 22 de março de 2021, o estado que se manteve em maior grau de isolamento foi o do Amapá (47,3%), seguido pelo estado do Pará (44,3%) e do Acre (44,2%). Com as menores taxas de adesão têm-se os estados do Mato Grosso (29,3%), de Tocantins (31,6%), de Rondônia (33,0%) e de Brasília (34,9%).

Para se adaptar à imposição da pandemia, 46% das empresas adotaram a prática do trabalho de casa (home office), isso segundo pesquisa da Fundação Instituto de Administração (FIA), que realizou a coleta ao longo da pandemia, com 139 pequenas e médias empresas, que atuam no Brasil (MELLO, 2020).

Enquanto a morfologia urbana, infraestrutura, projetos de mobilidade e atividades econômicas são aspectos relevantes do desenvolvimento urbano que podem afetar as interações entre os cidadãos (BOCAREJO *et al.*, 2015, p. 1617).

Nesse sentido, o distanciamento social não está relacionado exclusivamente às políticas públicas ou mudanças comportamentais, mas também à estrutura disponível e à forma de organização das cidades e assentamentos rurais (LEIVA *et al.*, 2020).

Na história, o emprego e a divisão do trabalho têm sido fortemente associados a mudanças socioespaciais dentro das cidades. É concentrado os empregos nas cidades contemporâneas, principalmente nos setores industriais e serviços. Em 2020, o coronavírus atingiu fortemente os mercados de trabalho nas áreas urbanas, penalizando as ocupações que não permitem atividades em home-office (BRASIL, 2020; US BUREAU, 2020).

As cidades urbanas apresentam formas diferentes, assim, em um conjunto de cidades compactas, como Nova York, São Francisco e Tóquio, além de cidades espraiadas, como Los Angeles, Atlanta e São Paulo (JENKS, 2001). Nas regiões onde as pessoas mais dependem do transporte público também enfrentam problemas relacionados à vulnerabilidade social. A mobilidade urbana entre centro e periferia normalmente há sérios problemas em grandes cidades e áreas metropolitanas que estão em desenvolvimento, como o alto tempo médio de viagem, disponibilidade limitada de rotas e baixa qualidade dos veículos (ODSP, 2017).

As cidades com alto nível de desigualdade são mais vulneráveis à pandemia do coronavírus. Cidades desiguais demandam múltiplas políticas públicas com vários públicos uma vez que pessoas e comunidades costumam apresentar demandas diferentes durante as pandemias, que podem mudar de acordo com o local de residência, a estrutura familiar, os serviços e equipamentos urbanos disponíveis, a mobilidade, bem como a capacidade para entender os riscos (ALI *et al.*, 2020, p. 415). Encontramos questões como congestionamento de domicílios, insalubridade das edificações e falta de saneamento básico se sobreponem. Houve um aumento no percentual de trabalhadores informais, que sem renda garantida, impõe a essa parcela da população condições econômicas mais instáveis e dificuldade de se isolar.

Os sistemas de transporte público, sendo eles: ônibus, trem e metrô, são importantes e democráticos da mobilidade urbana, que transportam diariamente

milhões de passageiros de diferentes estratos sociais. Como apontado anteriormente, os sistemas vêm perdendo passageiros mesmo antes da pandemia, que apenas agravou. O fenômeno ocorre pelo mundo inteiro, mas em destaque para Nova Iorque, com o estabelecimento do distanciamento social e em função dos protocolos determinados para a segurança dos passageiros, o sistema acabou perdendo milhões de usuários e mesmo assim, podemos observar as críticas de que ainda não é respeitado o distanciamento social (CAPARICA, 2021; PADIN, 2021).

As notícias locais mostram que as restrições orçamentárias e a diminuição da demanda em São Paulo entre 2020 e 2021 ajudaram para diminuir a disponibilidade de transporte durante a pandemia, o que fez os trabalhadores de serviços essenciais enfrentarem ônibus lotados (CAPARICA, 2021; PADIN, 2021). Por outro lado, queda do número de usuários não implica na redução da frota de ônibus em circulação, dado que os protocolos de distanciamento social obrigam que tenha mais carros e menos passageiros. Como resultado, houve um desequilíbrio no financiamento de concessão e o sistema de transporte público exige mais subsídios.

Cidades com periferias pobres são mais vulneráveis a políticas de distanciamento social, como o fechamento das escolas e atividades econômicas. Segundo Lancker e Parolin (2020), o fechamento das escolas pode agravar a insegurança alimentar, uma vez que os alunos pobres, em geral, dependem da refeição escolar para obter uma alimentação rica e equilibrada. As manifestações de pobreza, desemprego e desigualdade social, pessoas com alta vulnerabilidade associada a fatores sociais, econômicos e espaciais impõem imensos desafios às autoridades locais, aumentando a complexidade para implementar políticas de mitigação e adaptação nas cidades a esta nova realidade epidemiológica.

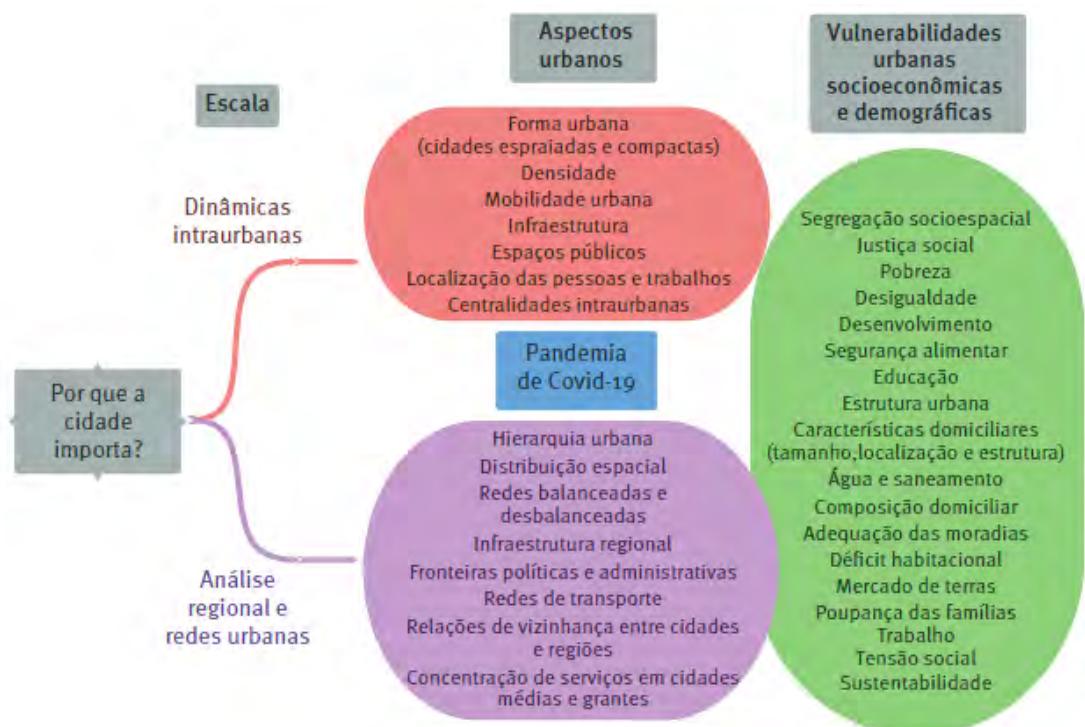
A mudança tem se realizado na contemporaneidade, pelas exigências de mobilidade e urgência que a situação se impôs, sendo necessário uma nova modalidade de arquitetura com fins temporários, conhecida como Arquitetura Efêmera, Portável ou Remontável (ALBURQUEQUE, 2013, p. 47). Frente ao

diverso uso da arquitetura, se transformou portável de emergências com demandas de forma urgente para que as infraestruturas amparassem a situação.

Para o transporte público, a pós-pandemia fica com o desafio econômico devido aos altos custos de ampliação de trilhos, sendo que há diminuição de usuários para o transporte. Portanto, a ampliação da utilização do sistema de ônibus ganha importância. Buscando sempre formas de garantir a sustentabilidade do sistema.

Por fim, Sathler (2022) e Leiva (2022) apresentam um diagrama resumindo os principais elementos explorados pela arquitetura e urbanismo, buscando entender como a pandemia da COVID-19 possui várias variáveis para a pergunta: “por que a cidade importa?”. Figura 3 sugere que temos múltiplas variáveis interdependentes dentro das cidades e regiões que devem ser consideradas no estudo da disseminação da COVID-19.

Figura 3 – Diagrama resumindo os principais elementos que associam os aspectos urbanos multiescala e a disseminação da COVID-19



Fonte: Sathler (2022) e Leiva (2022).

A conclusão mostra que as cidades devem estar no centro do debate ao investigar os resultados que a pandemia nos trouxe. As análises feitas por Sathler (2022) e Leiva (2022) mostram que as associações entre a disseminação da COVID-19 e os aspectos urbanos são mais bem abordadas quando consideradas perspectivas multidimensionais. Podemos ver que a forma urbana, densidade, infraestrutura e padrões de deslocamento, bem como características apresentadas pelas redes urbanas, podem afetar a disseminação da COVID-19 nas cidades, áreas metropolitanas e regiões. Os aspectos socioeconômicos e demográficos urbanos, como pobreza, desigualdade, justiça social, estrutura etária e segregação socioespacial, podem aumentar a vulnerabilidade de cidades e regiões a pandemias, independentes de países desenvolvidos ou subdesenvolvidos.

Além disso, cidades desiguais que mostram periferias pobres enfrentam desafios no combate à disseminação da pandemia do coronavírus. Em São Paulo, possui uma gama de estoque populacional, diversidade de formas urbanas e subúrbios dessa grande cidade, a maioria da população não tem acesso a carros e enfrenta maiores riscos de exposição ao vírus no transporte público.

6 OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NA DESIGUALDADE E NO GOVERNO

O racismo é um sistema estruturante, gerador de comportamentos, práticas e crenças preconceituosas que causam desigualdades injustas, baseadas em raças ou etnias. Na saúde o racismo se manifesta em diversas formas, mas na pandemia do coronavírus houve um desafio para os países que apresentam profundas desigualdades. Em um processo histórico que ao longo do tempo tem determinado lugares sociais das pessoas de acordo com raça e etnia.

Os negros estão mais representados nos indicadores negativos, como atividade no mercado de trabalho informal, que limita o acesso a direitos básicos como a remuneração pelo salário mínimo e a aposentadoria. Por outro lado, são os brancos que apresentam o maior rendimento médio domiciliar per capita, superando quase duas vezes o da população negra – R\$ 1.846 contra R\$ 934 (IBGE, 2019).

O que muitos estão se perguntando atualmente é como a pandemia de COVID-19 e a crise econômica global que o mundo viveu em 2020 estão afetando a desigualdade.

Podemos observar que nos EUA quase 41 milhões de pessoas, ou 13% da população, viviam na pobreza em 2016 de acordo com a medição oficial dos EUA, baseada em renda e necessidades nutricionais, uma casa com quatro pessoas é considerada em estado de pobreza quando a renda familiar é inferior a US\$ 24,3 mil (cerca de R\$ 80 mil) por ano. A renda média de uma família de quatro pessoas é de US\$ 91 mil (R\$ 299,5 mil) por ano. E a pandemia tem se apresentado de forma racializada, em que os afro-estadunidenses estão super-representados no cenário de adoecimento e morte pelo vírus. As desigualdades raciais no acesso ao teste apresentam um sinal de alerta para um viés racial implícito, segundo alguns profissionais que estão no front da pandemia. A análise indica que os afro-estadunidenses são menos encaminhados para realização de

testes para a Covid-19 quando comparecem ao atendimento com sinais de infecção (FARMER, 2020).

Pode parecer muito se comparado com países classificados como de baixa renda pelo Banco Mundial - com PIB per capita entre US\$ 1 mil (R\$ 3,2 mil) e US\$ 4 mil (R\$ 13 mil). No Brasil, por exemplo, medição de 2015 do banco estimou que 4,9% da população brasileira estava abaixo da linha de pobreza por viver com até US\$ 1,90 por dia. Mas, o custo de vida mais alto nos Estados Unidos e o crescente abismo entre os pobres e a classe média podem resultar em dificuldades para famílias americanas de baixa renda (IBGE, 2020).

Aliado a tudo isso, o racismo condiciona a adoção de medidas preventivas para COVID-19, conforme foi mencionado no capítulo anterior, o distanciamento social, a principal medida elencada pela Organização Mundial de Saúde, não é um privilégio de todos, em especial ao Brasil, onde negros e negras representam a maioria dos trabalhadores informais, serviço doméstico, comercial, entre outros durante a pandemia. Estudo realizado nos EUA mostra que a adoção do distanciamento social é maior entre brancos, ricos e com maior escolaridade, quando comparada à população negra (YILMAZKUDAY, 2020, p. 18).

É claro que a luta contra o racismo se estende para todas as demandas da sociedade e isso estreita aos problemas que a pandemia trouxe. Por isso é necessário ações específicas para o combate ao racismo e suas devastadoras consequências. Como políticas de proteção social diante da emergência de uma pandemia garantam equidade, alcançando toda a população de um país que para receber o auxílio emergencial do governo, precisam se expor à infecção na aglomeração das horas de filas em bancos e casas lotéricas (REDE GLOBO, 2020).

Entendemos que a desigualdade aumenta o desafio no enfrentamento da COVID-19 no Brasil. Segundo o trabalho publicado pela Fiocruz sobre os locais onde as condições de saneamento e estrutura domiciliar não são adequadas, o distanciamento social e as recomendações de higiene básica, esbarram na realidade das periferias e pequenos municípios brasileiros.

A pandemia nos fez conviver com a perda diária dos conhecidos e da tragédia que causou aos familiares. Os problemas que causou, a morte foi a mais

explícita, mas o colapso do sistema de saúde e a crise econômica e psicológica. O número de mortos nos lembra dos mais vulneráveis, como idosos, diabéticos e hipertensos, entre outros, que mesmo com a morte, não causou comoção na sociedade. Um exemplo disso são as declarações de empresários que minimizaram as perdas humanas provocadas pela doença. Em contra ponto, é possível levar em consideração as mortes com a ideia de luto público. Para Judith Butler (2015, p. 66), “[...] o luto público está relacionado à indignação, e a indignação diante da injustiça ou, na verdade, de uma perda irreparável possui um potencial político.”

Por fim, Judith Butler (2015, p. 51) nos diz que “[...] enlutar e transformar o luto em recurso para a política não é resignar-se à inação, mas pode ser entendido como o processo lento pelo qual desenvolvemos um ponto de identificação com o próprio sofrimento.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o propósito de finalizar esse trabalho, através de pesquisas e análises realizadas, é pertinente trazer à título de considerações finais alguns apontamentos que confirmam a relevância do estudo apresentado, quais sejam: as cidades globais são produtos da globalização econômica, arquitetura, tecnologia e cultural; o cenário apresentado em exercício da arquitetura, urbanismo e globalização, é desfavorável considerando os danos causados pela pandemia do coronavírus.

Podemos considerar a alta relevância do assunto abordado, pois se vale como de interesse de todos os cidadãos, já que a pandemia afetou a população do mundo inteiro. Mas, hoje, a cidade precisa estar no centro do debate ao investigar os próximos passos para a reparação das catástrofes causadas pela pandemia, mesmo que alguns danos serão permanentes.

As cidades globais se tornaram palco para mudanças não somente nas áreas de saúde, mas para o mercado financeiro que enfrentou sua fragilidade, além das adaptações para incorporar a sobrevivência de inúmeros setores como o cultural, arquitetônico e tecnológico. Se tornaram o cenário perfeito para novas reivindicações da população para novas políticas para a dignidade humana e direito à cidade, já que o lugar do capital transnacional se tornou o lugar de novos usuários da cidade e de setores da população urbana em situação de exclusão social.

Desta forma, concluímos que no cenário que nos encontramos há uma preponderância de interesses econômicos, uma globalização neoliberal, políticos do capital e políticas públicas sobre as populações locais, principalmente sobre aqueles mais vulneráveis. Portanto, é necessário a elaboração de novas perspectivas universais, solidárias, com intervenção e aceitação das novas reivindicações urbanas, sendo palco para a dignidade humana com novas políticas públicas, desenvolvimento tecnológico e incentivo ao setor cultural.

Encaminho-me para o fim dessa monografia, com as palavras, para quem “[...] enlutar e transformar o luto em recursos para a política não é resignar-se à

inação, mas pode ser entendido como o processo lento pelo qual desenvolvemos um ponto de identificação com o próprio sofrimento.” (BUTLER, 2019, p. 51)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, S.; ASARIA, M.; STRANGES, S. COVID-19 and inequality: are we all in this together?. **Canadian Journal of Public Health**, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7310590/>. Acesso em: 08 ago. 2022.

ALBUQUERQUE, G. L. A. **O projeto de arquitetura de espaços temporários com o uso de sistemas construtivo remontável: um estudo exploratório**. Natal, 2013. Tese (Doutorado em Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ALMEIDA, P. R. **O Brasil e as crises financeiras internacionais, 1929-2001**. Revista Cena Internacional, 3, pp. 89-114, 2001.

BUSS, L. et al. **Three-quarters attack rate of SARS-CoV-2 in the Brazilian Amazon during a largely unmitigated epidemic**. Science, v. 371, n. 6526, p. 288-292, 2021.

BANCO MUNDIAL [BM]. **Crescimento anual do PIB**, 2020. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=BR>. Acesso em: 18 abr. 2021.

BRESSER-PEREIRA, L. C. A reforma do estado dos anos 90: logica e mecanismos de controle. **Revista Lua Nova**, São Paulo, 1998.

BOCAREJO, J. P.; PORTILLA, I.; MELÉNDEZ, D. **Social fragmentation as a consequence of implementing a Bus Rapid Transit system in the city of Bogotá**. Urban Studies, 2015.

BOLLNOW, O. F. **O homem e o espaço**. Curitiba: Editora UFPR, 2019.

BOTTON, A. **A arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

BROWNING, W.D; RYAN, C.O e CLANCY, J.O. **Patterns of Biophilic Design**. New York: Terrapin Bright Green llc, 2014.

CAPARICA, A. Passageiros reclamam de aglomerações em ônibus lotados em São Paulo durante fase vermelha contra pandemia. **G1 Portal**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/transporte/2021/08/13/lotacao-em-onibus-em-sao-paulo-durante-fase-vermelha-contraria-recomendacao-do-governo-federal.ghtml>

[paulo/noticia/2021/03/11/passageiros-reclamam-de-aglomeracoes-em-onibus-lotados-em-sao-paulo-durante-fase-vermelha-contra-pandemia.ghtml](https://www.estadao.com.br/noticia/2021/03/11/passageiros-reclamam-de-aglomeracoes-em-onibus-lotados-em-sao-paulo-durante-fase-vermelha-contra-pandemia.ghtml). Acesso em: 10 mar. 2022.

CARMONA, M. et al. **The value of public space: how high quality parks and public spaces create economic, social and environmental value**. New York: Cabe Space, 2004.

CAROZZI, F.; ROTH, S.; PROVENZANO, S. **Urban density and COVID-19**. Bonn, Germany: IZA – Institute of Labor Economics, 2020.

Crescimento real do PIB. **Fundo Monetário Internacional [FMI]**, Washington, 2020. Disponível em: <https://www.imf.org/external/pubs/ft/ar/2020/eng/downloads/imf-annual-report-2020-pt.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

COVID-19 e o Isolamento social: nada será como antes. **Portal COVID-19 BRASIL**, Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://jornalvozativa.com/colunas/covid-19-e-o-isolamento-social-nada-sera-como-antes/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

FERNANDES PIMENTA, G. Globalização e países emergentes: uma perspectiva das cidades globais. **Conjuntura internacional**, v. 10, n. 1, p. 51-62, 11.

FERREIRA, C. A. A.; PENA, F. G. O uso da tecnologia no combate ao covid-19: uma pesquisa documental. Em **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 5, p. 27315-27326.

GÓES, G. S.; ATHIAS, L. Q.; MARTINS, F. S.; SILVA, F. A. B. **O setor cultural na pandemia: O teletrabalho e a Lei Aldir Blanc**. Carta Conjunt. (Inst. Pesqui. Econ. Apl.), 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1150257>. Acesso em: 10 jan. 2022.

GONÇALVES, A. B. **Diplomacia e o século XXI: os desafios da globalização**. **Caderno de Relações Internacionais**, [S. I.], v. 9, n. 17, 2019. Disponível em: <https://revistas.faculdadedamas.edu.br/index.php/relacoesinternacionais/article/view/992>. Acesso em: 25 mar. 2022.

GONÇALVES, J. M. C. M. **Peter Zumthor: um estado de graça entre a tectónica e a poesia.** Coimbra, Portugal: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, 2009.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

LEVY, E. **Democracia nas cidades globais: um estudo sobre Londres e São Paulo.** São Paulo: Studio Nobel, 1997.

MELLO, D. Home office foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia. **Agência Brasil**, 2020. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia#:~:text=O%20trabalho%20em%20casa%20foi,atuam%20em%20todo%20Brasil>. Acesso em: 11 abr. 2021.

PIAIA, T. C.; SCHONARDIE, E. F. As tecnologias de informação e comunicação nos espaços urbanos globais e a proposição de cidades inteligentes. **Revista Jurídica da FA7**, v. 17, n. 3, p. 109-120, 14 dez. 2020.

Perguntas e respostas sobre o Coronavírus (COVID-19). **ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE [OMS]**, 2020. Disponível em:
https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019?adgroupsurvey={adgroupsurvey}&gclid=CjwKCAjwBMEiwAyINuwI1DXS8vp7PVNLZ7C-RnvcYuSKPyPJHbfk4D5ZR2cycTcu7S6kN4fBoCSuAQAvD_BwE. Acesso em: 14 abr. 2021.

Saldo da conta corrente, porcentagem do PIB. **Fundo Monetário Internacional [FMI]**, Washington, 2020. Disponível em:
<https://www.imf.org/pt/News/Articles/2021/08/27/pr21251-sao-tome-and>

[principe-imf-executive-board-concludes-third-review-under-the-ecf](#). Acesso em: 18 abr. 2021.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**, Rio de Janeiro, Record, 2003.

SASSEN, S. **Sociologia da globalização**, Porto Alegre: Artmed, 2010.

SASSEN, S. **Cidades Globais e o desafio da pandemia da covid-19**, Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

SATHLER, D.; LEIVA, G. Prioridade para futuras vacinações contra a Covid-19 no Brasil: os usuários de transporte público devem ser um grupo-alvo?.

Revista Brasileira de Estudos de População, v. 38, p. 1-12, 2021. Disponível em:

<https://rebep.org.br/plugins/generic/pdfJsViewer/pdf.js/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Frebep.org.br%2Frevista%2Farticle%2Fdownload%2F1950%2F1180%2F12605>. Acesso em: 27 mar. 2022.

SENHORAS, E. M. Novo coronavírus e seus impactos econômicos no mundo. Revista Boletim de Conjuntura, 2020. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/174>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SILVA, D. P. A.; FERNANDES, R. B.; ROSARIO, A. R. D. Arquitetura emergencial: considerações sobre as respostas projetuais à pandemia da covid-19. **Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente**, [S. I.], v. 6, n. 2, p. 128–140, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/23090>. Acesso em: 03 set. 2022.

Sobre a CEPAL. **COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE [CEPAL]**, Santiago, 2020. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/sobre#:~:text=A%20CEPAL%20%C3%A9%20uma%20das,as%20outras%20na%C3%A7%C3%A7%C3%B5es%20do%20mundo>. Acesso em: 13 abr. de 2021.

Sondagem do comércio. **FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS [FGV]**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://portalibre.fgv.br/sondagem-do-comercio>. Acesso em: 15 abril de 2021.

Ting, D. S. W., Carin, L., Dzau, V. e Wong, T. Y. Digital technology and COVID-19. Em **Nature Medicine**, v. 26, p. 459-461, 2020.

YILMAZKUDAY, H. **Covid-19 and unequal social distancing across demographic groups**, 2020. Disponível em:

https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3580302. Acesso em: 27 abr. 2022.